

A RETOMADA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO RESPOSTA AO ISOLAMENTO NAS GRANDES CIDADES

Resenha de BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2009.

RITA BARBOSA¹

“Confiança e medo na cidade”, uma das mais recentes obras de Bauman publicadas no Brasil, apresenta, de maneira breve e incisiva, a situação das chamadas “cidades globais”. A obra divide-se em três capítulos fundamentais para compreensão das contradições presentes nas principais cidades do mundo, especialmente a partir dos fins do século XX.

O primeiro capítulo, que dá nome ao livro, apresenta a configuração geral das cidades: de um lado, nas grandes áreas urbanas se concentram as funções mais avançadas do capitalismo; por outro lado, tais cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda redistribuição de renda, na qual os ricos tendem a se tornar ainda mais ricos, enquanto os pobres afundam na miséria, destituídos de meios de proteção social.

Diante desse duplo movimento das cidades, os que possuem condições tendem a deslocar-se, procurando uma defesa a partir da criação de verdadeiros enclaves. Já os que são obrigados a permanecer onde estão, são forçados a suportar os problemas crescentes da região que habitam. A classe média, nesse quadro, encontra-se em grande tensão, por não conseguir controlar um processo que pode levá-la a perder o bem-estar conquistado nas últimas décadas.

Tal configuração proporciona a instalação do sentimento de medo, e, com ele, se instalam também os especuladores do medo, que o transformam na base de

¹ Mestranda em Ciências Sociais - PUC/SP

uma política de controle e repressão. O argumento do autor deixa claro que os processos sociais que substituem a solidariedade por competição, fazem com que os indivíduos se sintam abandonados a si mesmos, gerando uma sociedade construída sem bases sólidas, onde o perigo está em toda parte.

Uma nova extraterritorialidade vem se criando, por meio de conexões dos espaços urbanos privilegiados, habitados ou utilizados por uma elite que pode se dizer global, contribuindo para a formação de dois “mundos-de-vida”, segregados. As cidades se transformaram, nesse sentido, em depósitos de problemas causados pela globalização, gerando a impossível tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais.

As pessoas, por sua vez, diante desse quadro de pressão global, acabam fechando-se em si mesmas e a figura do estrangeiro desponta como aquele que causa desconforto e insegurança. A cidade de São Paulo é tomada como exemplo nesse contexto, como uma cidade feita de muros, de forma que a estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância. Em ambientes como esse, todos que têm condições adquirem sua casa em condomínios isolados, separando-se de todos os que são considerados socialmente inferiores. A intenção desses espaços vetados é claramente dividir, e não criar pontes e locais de encontro e reunião de habitantes da cidade. É então que Bauman reflete o conceito de “mixofobia”, um medo de misturar-se que acaba por favorecer tendências segregacionistas, uma vez que diminui a tolerância à diferença.

Observa-se, assim, que a falta de conforto na existência do sujeito acaba por levá-lo a contentar-se com a segurança, ou a ficção de segurança. Tema central do segundo capítulo, Bauman apresenta a idéia de que, com a insegurança, estão destinadas a desaparecer das ruas da cidade a espontaneidade e a flexibilidade cotidiana. Ao lembrar que a alternativa à insegurança não é a beatitude da tranquilidade, mas sim a maldição do tédio, o autor sugere como caminho o oposto do isolamento, ou seja, a abertura de espaços públicos convidativos para todo tipo de cidadão participar e compartilhar de bom grado, uma vez que não se pode pensar em compartilhar uma experiência sem compartilhar um espaço.

No último capítulo, “Viver com Estrangeiros”, o autor discute a questão das fronteiras. Segundo ele, a obsessão por demarcar fronteiras deriva do desejo, consciente ou não, de recortar para si um lugar suficientemente confortável e seguro, num mundo que se mostra selvagem, imprevisível e ameaçador. Os guetos voluntários são, nesse contexto, resultado dessa vontade de defesa da própria segurança, procurando-se somente a companhia dos semelhantes e afastando os estrangeiros, ou seja, os “supérfluos”. Bauman alerta para o grande círculo vicioso gerado nesse processo: o medo do estrangeiro leva a demarcação de fronteiras e convivência estrita com semelhantes, o que, por sua vez, gera um medo e aversão ainda maior ao estrangeiro.

Para Bauman, a questão central baseia-se na possibilidade (ou não) de percorrer outro caminho. Como Mauro Magatti comenta no prefácio da obra, a maneira mais proveitosa de utilizar o modelo teórico que Bauman traça em seus ensaios é empregá-lo, sobretudo, para analisar a especificidade dos casos concretos e, em seguida, tentar intervir sobre neles.

As reflexões do autor apresentam, portanto, como grande desafio para pensadores e políticos contemporâneos, a retomada da dimensão comunitária do espaço público, como forma de (re)aprender a coexistir de maneira pacífica e amigável.